

Resistência e Identidade em Daniel 1

José Roberto Cristófani

(Brasil)

Resumen

En el presente artículo, el biblista brasileño José Roberto Cristófani presenta un análisis creativo del capítulo 1 de Daniel, en un acercamiento que muestra su marco histórico. Cristófani realiza un abordaje hermenéutico y exegético del pasaje, mostrando su pertinencia a la realidad latinoamericana que exige hoy, al igual que Daniel, una actitud de resistencia frente a los poderes dominantes.

Palabras clave: Daniel, resistencia, economía, ideología.

Abstract

In this article, the Brazilian Bible specialist José Roberto Cristófani, presents a creative analysis of the Chapter 1 of Daniel, in an approach that shows his historic background. Cristófani makes an hermeneutical and exegetical approximation of Daniel's resistant attitude against dominant powers, and establishes a relationship between now and then regarding ideology, economics, politics.

Keywords: Daniel, resistance, economics, ideology.

Introdução

Um dos textos mais contundentes do Antigo Testamento relativo à preservação da identidade como resistência é, sem dúvida, o livro de Daniel. Nele pode-se encontrar o drama de pessoas que, dentro de uma situação absolutamente adversa, lutam por preservar sua identidade.

Este texto quer ser uma reflexão exegética e hermenêutica sobre a identidade e a resistência de grupos de judeus que estão vivendo sob o domínio estrangeiro e são obrigados a enfrentar o dilema de aderir aos costumes estrangeiros, violando assim sua identidade, ou resistir de forma a preservar as características que os tornam judeus.

Ao proceder a análise de Daniel 1, este artigo procura, fundamentado numa análise exegética preliminar, caracterizar os judeus como portadores de uma identidade e a forma que eles a preservam.

Análise Exegética

- v.1 No ano três do período do poder real de Joaquim, rei de Judá, entrou Nabucadnetzar, rei de Babel, em Jerusalém e a trançou (sobre ela).*
- v.2 Deu o Senhor na mão dele a Joaquim, rei de Judá, e alguns (parte) dos vasos da casa de Deus e os introduziu na terra de Sinear na casa do seu Deus e aos vasos, na casa do tesouro do seu Deus.*
- v.3 Disse o rei para Asphenaz, chefe dos eunucos dele, para introduzir dentre os filhos de Israel e dentre os de origem real e dentre os nobres.*

- v.4 *Meninos que neles não exista qualquer mancha e de boa aparência, e instruídos em toda sabedoria, conhecedores de conhecimento, e entendidos de mente que tenham capacidade para compreender, para colocarem-se no palácio do rei e para ensinar a eles um tipo de escrita e a língua dos caldeus.*
- v.5 *Ordenou a eles, o rei, a porção do dia no seu dia (day by day) das iguarias do rei e do seu vinho que bebia e para os educar três anos e ao final colocarem-se diante do rei.*
- v.6 *Havia dentre os filhos de Judá, Daniel, Hananiah, Mishael e Azariah.*
- v.7 *Então pôs para eles, o líder do grupo de eunucos, nomes pôs para Daniel, Belteshazar, e para Hananiah, Shadrac, e para Mishael, Meshac, e para Azariah, Abed Nego.*
- v.8 *Colocou Daniel sobre o seu coração que não tornar-se-ia impuro com as iguarias do rei e com o seu vinho. Tentou obter da parte do líder dos eunucos que não se tornasse impuro.*
- v.9 *Deu o Deus a Daniel da solidariedade e do sentimento materno diante do líder do grupo de eunucos.*
- v.10 *Disse o líder dos eunucos a Daniel: “eu temo ao meu senhor, o rei, que ordenou vossa comida e vossa bebida, porque perceberia (n)as vossas faces os semblantes abatidos mais do que dos jovens da vossa faixa etária? Então tornaríeis culpado a minha cabeça para o rei.”*
- v.11 *Dirigiu-se Daniel ao tutor que o líder dos eunucos apontou sobre Daniel, Hananiah, Mishael e Azariah:*
- v.12 *"Põe à prova, por favor, os teus escravos dez dias e darão para nós dos legumes e comeremos e água beberemos*
- v.13 *Então tornaremos visíveis diante de tua face nossa aparência e a aparência dos jovens comedores das iguarias do rei e assim como vires faze com teus escravos."*
- v.14 *E ouviu-lhes essa questão e os pôs à prova dez dias.*
- v.15 *No final dos dez dias deixaram-se ver as suas boas aparências e gordos de carne mais que todos os jovens comedores das iguarias do rei.*
- v.16 *Aconteceu o tutor levou as iguarias deles e o vinho, bebida deles, dando para eles legumes*
- v.17 *E os jovens, esses quatro, deu para eles, o Deus, conhecimento e perspicácia em todo tipo de mensagem escrita e sabedoria e Daniel teve compreensão em toda visão e sonho.*
- v.18 *Então no fim dos dias falou o rei para que os introduzissem e fê-lo o líder do grupo de eunucos na presença de Nabucadnetzar.*
- v.19 *E falou para eles o rei não foi achado mais perfeito como Daniel, Hananiah, Mishael e Azariah. Então permaneceram na presença do rei.*
- v.20 *E todas as palavras de sabedoria e entendimento que deles inquiriu o rei os encontrou dez mãos (vezes) sobre todos os magos e os encantadores em todo o seu domínio real.*
- v.21 *Foi Daniel continuamente até o primeiro ano para Ciro, o rei.*

O conjunto de versículos que compõem a introdução ao livro de Daniel tem uma delimitação bastante clara. Seu início (v. 1) está fora de questão, pois é o início do próprio livro. O término da perícopé pode ser marcado, sem maiores problemas, no v. 21. Os seguintes elementos sustentam este recorte:

a. Os vv. 1 e 21 formam um “envelope” pela menção de uma data e o respectivo rei estrangeiro. No v. 1 a data é o “terceiro ano do reinado de Joaquim, entrou Nabucadnetzar”. No v. 21 o ano é o “primeiro de Ciro”. Esta inclusão abrange a narrativa de forma a manter a história numa unidade de significado autônoma. Nesta unidade textual temos uma história completa.

Ainda acerca da datação, ressalta-se que o capítulo 2 inicia-se com uma nova data, indicando, sem dúvida, um novo começo.

b. Sob o ponto de vista do conteúdo, o texto tem uma seqüência bastante lógica e coerente, qual seja: Primeiro, os jovens são selecionados; Segundo, eles passam por um período de treinamento; Terceiro, eles são introduzidos na presença do rei que faz o teste final com eles; Por fim, eles têm sucesso no reino.

Ademais, a história é emoldurada pela já notada inclusão que parece sugerir o contexto no qual a história quer ser lida.

c. As edições críticas do TM (Texto Massorético) indicam rupturas no texto, via de regra, pelas cesuras, isto é, deixam pequenos espaços em branco no início e no fim de cada unidade.

Em Daniel 1 encontram-se três cesuras: A primeira está localizada no final do v. 2; A segunda no final do v. 19 e a terceira no final do v. 21.

As duas primeiras (vv. 2 e 19) provavelmente indicam que o v. 1-2 foram compreendidos como um sobrescrito. Já os vv. 3-19 poderiam formar uma unidade à parte delimitada pela palavra do rei, tanto no v. 3 como no v. 19.

A terceira cesura parece ser a determinante no tocante à delimitação da perícope. De fato ela indica o final do texto.

d. Um último argumento para a delimitação seria o caráter temático. O tema da educação dos jovens na corte só aparece neste capítulo. Conquanto seja um trecho introdutório, também às outras histórias da corte, delas se distingue pelo tema central.

Portanto, à vista das observações feitas acima, parece bastante plausível delimitar o texto entre os v. 1 e v. 21.

O gênero literário do capítulo 1 de Daniel é sem dúvida uma História da Corte, um sub-gênero do macro-gênero Legenda. Assim, tem-se uma Legenda da Corte. Tal gênero literário serve ao propósito de exaltar as virtudes de um herói e estimular outros a imitá-las.

Este gênero literário não possui uma forma fixa, mas os seguintes elementos são recorrentes: a. localização no tempo e espaço; b. apresentação do personagem; c. descrição da situação; d. constatação do resultado positivo.

Com os indicativos internos da perícope é possível estruturá-la de maneira bastante simples:

A. Moldura inicial	vv. 1-2
B. História	vv. 3-19
a. rei tem a palavra	vv. 3-4
b. jovens serão treinados	vv. 5-7
c. período de prova	vv. 8-15
b'. jovens foram treinados	vv. 16-17
a'. rei tem a palavra	vv. 18-19
A'. Moldura final	vv. 20-21

A estrutura mostra que o trecho em apreço tem seu cerne no diálogo entre Daniel e o oficial do rei a respeito da dieta alimentar (vv. 8-15). Este cerne é antecedido, imediatamente, pela ordem do rei que determina a dieta alimentar, o período e o propósito do treinamento e pela menção dos nomes dos jovens judeus selecionados que serão treinados (vv. 5-7). O mesmo centro é sucedido, imediatamente, por nova menção da dieta alimentar e, elipticamente, exceto Daniel, dos nomes dos jovens, acrescido de uma nota sobre a origem da capacidade dos jovens (vv. 16-17). O conjunto compreendido entre os vv. 5-17 é enfeixado pela palavra do rei, tanto antes como depois. Nos vv. 3-4 menciona-se, além do critério de seleção dos jovens, o tipo de treinamento pelo qual eles devem

passar. Igualmente, nos vv. 18-20 menciona-se o término do treinamento e o resultado do mesmo. Por fim, o enquadramento final de toda a história é dado pelos vv. 1-2, que introduzem a história e os v. 21 que encerra a mesma.

Os artifícios retóricos presentes nesta história são, basicamente, os mesmos em todo o primeiro bloco do livro. Primeiro, a insistência no fato de que o Deus dos judeus está no controle dos acontecimentos históricos (vv.1-2), motiva a ação propícia do líder do grupo de eunucos (v. 9) e, por fim, dá aos quatro jovens judeus conhecimento e perspicácia (v. 17). Assim, o capítulo 1 organiza o discurso de forma a contrapor, à noção de poder do soberano estrangeiro e seu aparato real, a idéia de que tudo está sob o controle de Deus. Segundo, O texto trabalha com a concepção de que a assimilação cultural deve ter um limite e este é imposto pela firme resolução de Daniel em não se contaminar, que propõe um termo, não por uma simples recusa, antes por um desafio temporário (vv. 8-13). O texto cria, assim, as condições retóricas para o desfecho da história, dando-lhe fluência e coesão. Terceiro, o sucesso dos jovens funciona como fator de aprovação por parte do líder dos eunucos e resulta em uma mudança de atitude do mesmo para com a resistência dos jovens em não comer da comida da corte, levando-o a substituir a dieta alimentar de todos os outros jovens, inclusive. Por fim, o resultado positivo ao final da história é selado com a aprovação do rei e a promoção dos judeus à corte.

Portanto, retoricamente, a narrativa é construída de tal maneira que, aos leitores, torna-se convincente e verossímil, levando-os à imitação dos protagonistas judeus.

Já os recursos estilísticos usados pelo texto dão vivacidade e colorido à narrativa e são de várias categorias, das mais importantes, destacam-se as seguintes: a) Repetição: dentre outras, repete-se as qualidades que devem possuir os jovens selecionados para o treinamento (vv. 3-4; 17 e 20). Também, insiste-se, pela repetição, nas finas iguarias do rei (vv. 5; 8; 15-16); b) Comparação: por duas vezes os jovens judeus são comparados aos demais: Na primeira instância de maneira hipotética (v. 10). Na segunda de maneira real e antitética (v. 15), criando, assim, um nítido contraste entre as partes comparadas. Uma terceira comparação aparece no v. 20, onde os jovens são comparados, hiperbolicamente, aos magos e encantadores do reino; c) Imagem: há uma idéia, de longe a mais importante, expressa nos alimentos reais. Eles representam a impureza ou contaminação à qual os judeus estavam proibidos de participarem.

Cada figura de estilo contribui para tornar a narrativa atraente e eficaz nos seus propósitos.

Pela análise feita até aqui, nota-se que a ênfase do texto gira em torno da formação de jovens judeus na corte estrangeira e que tal processo educativo apresenta determinados riscos de contaminação através da alimentação oferecida pelo rei. Contudo, há uma declarada recusa, por parte dos jovens em se contaminarem, permanecendo, desta forma, fiéis aos preceitos judaicos.

Assim, pode-se dizer que o capítulo em tela é uma construção literária e temática bastante coesa, mas com visíveis distinções estruturais.

A moldura inicial (vv. 1-2) data Daniel na época do exílio babilônico. Contudo, é certo, pelo estado do conhecimento histórico presente, que essa data é um erro histórico, pois não se conhece nenhum episódio como o narrado no texto. Essa imprecisão histórica, normalmente, levanta sérios problemas para a interpretação e localização de Daniel. Entretanto, as muitas inconsistências históricas, por exemplo, Dario, o medo (5.31), entre outras, não são para ser consideradas do ponto de vista histórico, pois se assim o fosse se

entraria numa discussão sem nenhum proveito. De fato, as datas têm importância à medida que se compreende que elas querem ser um indicativo de uma situação social semelhante a vivida na data assinalada.

Portanto, o enquadramento de Daniel 1 entre o início e o fim do cativo funcionaria como uma pista para o seguinte: Primeiro, seria uma pista de que a situação em que o texto está sendo utilizado é de domínio estrangeiro e por isso também de hegemonia cultural estrangeira. Segundo, em decorrência desse domínio, indicaria a condição de dominados dos personagens das histórias. Terceiro, poderia mostrar também a possibilidade de se resistir mesmo sob pressão cultural estrangeira.

Ademais, conforme os capítulos 7-12, há uma preocupação com a duração do tempo de sofrimento. O capítulo 1 poderia estar a indicar, baseado especialmente na leitura do capítulo 9, que o grupo está vivendo algo semelhante à última etapa dos anos de sofrimento no cativo.

A história em si (vv. 3-19) traz elementos que parecem apontar para uma problemática que se tornou uma questão muito delicada na época grega, qual seja, a assimilação espontânea da cultura grega. Conquanto se argumente que o episódio refletiria uma situação exílica, da mesma forma se reconhece que o texto poderia ser ambientado no período grego. Os seguintes aspectos sustentariam a segunda opção: Primeiro, que a formação de jovens das sociedades nativas era um fato bastante difundido na época grega. Segundo, a dieta alimentar dos judeus foi severamente fustigada nesse mesmo período. Terceiro, a mudança de nomes também caracterizou o encontro da cultura judaica com a grega. Quarto, o ideal de corpo que aparece no texto corresponde melhor à visão grega de um homem bem formado.

Análise Hermenêutica

É preciso agora, perguntar pela identidade dos judeus que aparecem no texto. Quem são os personagens que protagonizam as assim chamadas "Histórias da Corte" que formam os primeiros seis capítulos do livro de Daniel e, particularmente, aparecem no capítulo inicial do livro?

Tais personagens podem ser designados, de maneira genérica, como "Grupo de Daniel". Sendo assim, a primeira tarefa é tentar realçar, no texto, a identidade dos protagonistas e, conseqüentemente, do grupo ao qual os mesmos pertencem, pois uma personagem não age ou fala por si mesma, mas fala e age segundo as regras de seu grupo, porquanto ela o representa.

O capítulo 1 de Daniel funciona como uma introdução ao livro como um todo e às histórias da corte em particular. Por ser sua função introduzir, obviamente que também deve indicar a problemática geral à qual o livro quer responder. Como já foi evidenciado, o capítulo 1 tem como centro temático o treinamento de jovens judeus na cultura estrangeira, no caso a grega, e que a mesma tornou-se agudamente problemática no período helenístico, em especial, na época do domínio dos Ptolomeus e Selêucidas.

Assim, ao introduzir os personagens do livro, o texto dá uma incontestável ênfase a Daniel. Esse fato tem levado muitos a ver Daniel, devido a uma leitura personalista, como o herói individual do livro ou como líder entre os quatro jovens. Contudo, Daniel deve ser visto como "personalidade diádica", ou seja, alguém que é o representante de seu grupo e não como um indivíduo no sentido moderno do termo. Com isso em mente, é possível apontar indícios para uma possível caracterização do "grupo de Daniel".

A primeira indicação sobre a identidade dos personagens do livro de Daniel pode ser encontrada na menção feita de que entre os jovens recrutados para o treinamento na corte alguns pertencem a um grupo denominado *Filhos de Israel* (v. 3). A narrativa atribui essa menção ao rei estrangeiro ao ordenar ao chefe de seus eunucos que selecione jovens para o serviço da corte. Uma vez que o versículo 1 fala de Jerusalém e não da terra ou país de Israel, é possível considerar a expressão *Filhos de Israel*, como um indicativo para toda a nação judaica. Por outro lado essa expressão pode ser lida em paralelo a *Filhos de Judá*, do versículo 6. Ainda que essa designação seja feita por um representante do próprio grupo, em contraste com a designação *Filhos de Israel*. Ambas parecem referir-se ao mesmo grupo de pessoas. Um fator que reforça a observação de que as expressões *Filhos de Israel* e *Filhos de Judá* referem-se a uma mesma e única grandeza social é o fato de Judá ser mencionado no versículo 1 como tendo sido saqueado por Nabucodonosor, o que certamente implicou no cativo de muitas pessoas, como sugere o verso 2. De igual modo, a menção de Jerusalém, que no versículo 1 não designa um local geográfico, senão uma entidade teológica no sentido de englobar o significado teológico que foi atribuído à cidade de Jerusalém como a morada do Deus de Israel, ajuda a reforçar a constatação de que *Filhos de Judá* e *Filhos de Israel* referem-se a um mesmo grupo de pessoas. Outro indício que auxilia na construção da identidade dos protagonistas das histórias de Daniel é a caracterização dos mesmos como sendo *dentre os de origem real* e *dentre os nobres* (v. 3). Ainda que essas expressões possam indicar dois outros grupos distintos entre si, além de distintos dos *Filhos de Israel*, ambas as expressões, *dentre os de origem real* e *dentre os nobres* podem ser entendidas como se referindo ao *status* sócio-econômico dos recrutados, pelo menos ao *status* que tinham anteriormente, incluindo, portanto, os filhos de Israel. Finalmente, pode ser destacado, como mais um fator na busca da identidade do grupo de Daniel, a insistência do texto em designar os recrutados para o treinamento na corte como sendo *jovens*. Isso pode ser visto nos versículos 4, 10, 13 e 15. Observa-se que no versículo 10 a palavra “*jovens*” vem acompanhada da expressão “*faixa etária*”, incluindo, assim, Daniel e seus companheiros na mesma faixa de idade que as demais pessoas selecionadas. Ademais, Daniel, Hananiah, Mishael e Azariah são explicitamente chamados de “*jovens*” no versículo 17 o que, indubitavelmente, comprova a pertença dos mesmos à faixa etária juvenil.

Portanto, preliminarmente, o chamado grupo de Daniel apresenta-se como sendo composto de *jovens* recrutados para um período de treinamento na corte estrangeira, que pertenciam aos assim chamados *Filhos de Israel* e *Filhos de Judá* que aparentemente eram *de origem real e nobres*, mas agora são cativos em alguma corte estrangeira.

No capítulo de abertura do livro de Daniel encontra-se, no versículo 8, a frase *Colocou Daniel sobre o seu coração que não tornar-se-ia impuro com as iguarias do rei e com seu vinho*. Essa expressão, colocada pelo narrador nos lábios de Daniel, é um indício do compromisso com um modo de comportamento social assumido pelo personagem principal desta história que é colocado diante de uma situação de ameaça a um determinado valor religioso-cultural judaico conhecido como “*lei da pureza*”. Há que se notar, em primeiro lugar, que o valor de “*pureza*” é um valor de alcance geral para toda a nação judaica de maneira que se estende por todos os segmentos sociais ligados ao judaísmo, quer por nascimento, quer por proselitismo. Em segundo lugar, deve-se notar que a motivação de lealdade que pode ser depreendida do texto tem origem interna na pessoa, isto é, o indivíduo adere a um determinado modo de comportamento como um ato próprio de assentimento às normas e alvos de seu grupo. Em terceiro lugar, há que se notar, ainda, que o grau de adesão do sujeito ao sistema de pureza de seu grupo é bastante alto, pois a expressão *colocou Daniel sobre o seu coração* denota uma atitude resoluta na qual

não há possibilidade de recuo ou negociação. Desse modo, a atitude assumida por Daniel é uma atitude característica de seu grupo social como pode ser constatado pelo fato de que não apenas ele se posiciona contra tornar-se impuro, mas é esta também a postura de seus companheiros. Assim, pode-se perceber no capítulo 1 que o "sistema de pertença", que é a capacidade de ativar lealdade, funciona de maneira eficaz de modo a produzir nos componentes do grupo um sentimento de compromisso com os valores do mesmo.

O capítulo inicial do livro de Daniel estabelece, assim, os alvos a serem alcançados pelas pessoas que compõem o grupo. Ao ser designada a alimentação para o grupo de jovens (v. 5), Daniel decide, resolutamente, não tornar-se impuro, ou seja, não ingerir a comida e a bebida reais. Com ele, seus companheiros de grupo também não ingerem os alimentos da corte. O alvo, ao que tudo indica, parece ser a manutenção de uma forma de pureza própria do povo judeu. Ora se esta suspeita é correta, e o texto indica que sim, então a recusa de não se contaminar com a comida real (1.8) marca uma linha divisória entre os judeus fiéis à sua religião e, portanto, à sua nação e cultura, por um lado, e o rei estrangeiro, sua corte e sua cultura, por outro. A essa linha divisória dá-se o nome de "linha de pureza". É uma linha imaginária de espaço e tempo que tem a função de manter distintos os limites entre dois grupos ou entre um grupo e o seu meio ambiente. Essa atitude da não contaminação, como já se observou, era e ainda o é característica da comunidade judaica. Essa atitude tem sua base nas leis de pureza do próprio Antigo Testamento, que para o judeu, de maneira geral, são determinantes de seu comportamento. Desta forma, ao se tentar responder a pergunta de *como* o grupo de Daniel age para manter intactas as fronteiras culturais que o separa dos demais grupos da sociedade, pode-se dizer que as fronteiras são mantidas através de uma postura firme e consciente frente às ameaças externas que militam para romper as linhas divisórias e conformar o grupo de judeus aos moldes culturais estrangeiros. Assim, a resistência a essas ameaças revela um alvo comum, isto é, a não contaminação alimentar, proposto para o judeu em particular e para a nação como um todo. A dieta alimentar, vista no capítulo em apreço, torna-se um indicativo, ao nível simbólico, de uma atitude, por parte dos protagonistas do livro de Daniel, essencialmente cultural. Essa atitude estabelece, ao nível concreto, a separação entre os valores e crenças do grupo de Daniel em relação a um outro agrupamento social, no caso, a corte estrangeira. Portanto, transparece, na resolução de Daniel e seus companheiros, um alvo que pode ser atribuído a todo o grupo de judeus ao qual os quatro jovens pertencem.

Daniel ao se recusar consumir a alimentação real, propõe que lhe sejam dados, a ele e aos seus companheiros, *legumes a comer e água a beber* (v. 12). Essa dieta proposta por Daniel constituiu-se no aproveitamento de recursos alimentares disponíveis em substituição à alimentação da corte. O objetivo em vista é a não contaminação dos jovens pela comida determinada pelo soberano estrangeiro. Considerando que a troca alimentar revela-se produtora, visto que *suas aparências eram melhores e estavam mais robustos do que todos os jovens que comiam das finas iguarias do rei* (v. 15), a utilização dos recursos alcança o sucesso esperado da não contaminação por parte do grupo de judeus.

Uma vez identificado o grupo que protagoniza o capítulo 1 e o modo como resiste às exigências da corte estrangeira, faz-se necessário, agora, verificar qual a base ideológica que permite a sustentação das crenças, valores e atitudes e que garante um modo coerente e eficaz de atuação social característico desse grupo que atua de forma homogênea e resoluta. A base ideológica pode ser encontrada através da análise da cosmovisão própria de um dado agrupamento social, no caso, através da análise de indícios que perpassam o texto em pauta de maneira a revelar como o mundo é visto e como é concebido o seu funcionamento.

Para que se tenha uma determinada visão de mundo é preciso haver quem a elabore e a torne comum aos membros do grupo. Uma habilidade que certos setores do grupo possui de persuadir os demais a esposarem, como suas, as concepções que eles formulam, tornando, assim, tal e qual cosmovisão em patrimônio geral do grupo. Esses setores que pretendem cumprir essa tarefa, em nome do grupo, têm que demonstrar capacidade de ordenar a realidade circundante, isto é, organizar a percepção da mesma de uma maneira persuasiva, pois devem fazê-lo de uma forma compreensiva para todo o grupo. Tal cosmovisão torna-se o sistema simbólico do grupo à medida que o mesmo se adapta e assume como seu este modo de ver o mundo.

Portanto, a formulação de um quadro referencial que dote as pessoas, coisas e acontecimentos de sentido tem como função, em Daniel, persuadir o grupo em particular e, o povo em geral, a uma resistência, como essa que pode ser inferida do texto em apreço.

Em primeiro lugar é imprescindível identificar os setores que articulam a cosmovisão que pode ser destacada nos textos de Daniel para, num segundo momento, delinear a visão de mundo que esses setores imprimem à vida do grupo. Desta forma, pode-se encontrar, no início do livro, a exigência de que os jovens a serem recrutados para o serviço na corte possuam, além de boas condições físicas, também, boas habilidades intelectuais descritas como *instruídos em toda sabedoria, conhecedores de conhecimento, e entendidos de mente e que haja neles, habilidade ...* (v. 4). Tais requisitos serão complementados, no período de treinamento na corte, com o ensinamento de *um tipo de escrita e a língua dos caldeus* (v. 4), apesar de que a narrativa atribui, ao mesmo tempo, esta complementação da instrução a Deus (cf. 17). Essa atribuição a Deus será o fator diferenciador entre o grupo de Daniel e os sábios caldeus (cf. v. 20). Ao elemento “intelectual” o texto aduz um outro elemento que é o discernimento em questões que extrapolam o nível do aprendizado intelectual - *compreensão em toda visão e sonho* - (v. 17). Esta capacidade vem de Deus e é dada apenas para Daniel, certamente porque somente ele aparece como o revelador e intérprete dos sonhos e transmissor das visões que constam no livro.

O livro de Daniel inicia-se pela indicação de uma data (1.1). De igual forma o capítulo encerra com outra data (1.21). Como notado anteriormente, as datas em Daniel são fictícias e querem delimitar, ao que parece, não um tempo histórico no sentido cronológico, antes tentam enquadrar os acontecimentos narrados em uma situação social específica, qual seja, a situação de domínio estrangeiro em que vivem os judeus dos terceiro e segundo séculos a.C., criando uma atmosfera de reflexão sobre o significado dos anos do exílio babilônico (cf. caps. 7-12, especialmente capítulo 9). Tal reflexão passa pela mediação da compreensão da ação de Deus na história, de modo que tal compreensão torna-se o cerne de toda cosmovisão que pode ser inferida dos primeiros seis capítulos do livro de Daniel. Assim, o capítulo 1 de Daniel é enfático em mostrar que os acontecimentos que ocorrem não são obra do acaso, menos ainda do poder estrangeiro ao qual eles estão submetidos, senão do próprio Deus, o Todo-Poderoso, que *entrega Joaquim* e parte dos vasos sagrados nas mãos do rei estrangeiro (1.2); que *concede* que o chefe dos eunucos aceite a proposta de Daniel em não se contaminar (1.9); que *dá conhecimento e inteligência* aos jovens (1.17).

Conclusão

A análise do capítulo 1 de Daniel mostra ser produtora a preservação da identidade como fator de resistência. Em meio a determinados tipos de domínio estrangeiro, seja ideológico, econômico ou outro qualquer é preciso chamar à reflexão aqueles setores da sociedade que vivem sob constante ameaça de perder a identidade em situações adversas. Porém, não apenas refletir com eles, mas juntar-se a eles no sentido de lutar por preservar uma identidade comum constituída pela fé que a todos nos faz irmãos e irmãs.

Resistir preservando a identidade é fator dos mais importantes na conjuntura atual e no atual momento pelo qual passa nosso país.